

# humanitas

Vol. LXVI  
2014

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

## Dois novos poemas de Safo

No passado mês de Janeiro foi anunciada a descoberta de dois novos poemas de Safo de Mitilene, num papiro de uma colecção privada cujo proprietário permanece anónimo. O papiro, datado de 201 d.C., que aguarda ainda publicação no próximo número da *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik*, contém dois poemas, sendo o primeiro já conhecido pelo termo cunhado por Obbink “The Brothers Poem”, ou “O Poema dos Irmãos”, e o segundo, o Poema a Cípris que se debruça sobre o tema do amor não correspondido tão recorrente em Safo. Devido ao seu surpreendente estado de conservação, ao qual leitores de Safo não estão habituados, tem sido o primeiro a suscitar mais discussão. A verdade é que a falha que este poema parece colmatar no que concerne aos elementos biográficos de Safo e sua família e encaixe no testemunho de Heródoto têm deixado os estudiosos apreensivos quanto à autenticidade da descoberta. Obbink desmistifica a problemática apresentando os seus argumentos para a defesa da autoria sáfica do poema. Segundo o papirologista o metro, a linguagem e as marcas dialectais são indubitavelmente sáficas. Para além do mais, não só o conteúdo do Poema dos Irmãos apresenta semelhanças de conteúdo com os fr. 5 Voigt e 15 Voigt. Notou Obbink que o novo papiro mostra mão idêntica ao P. GC. inv. 105 e a cólese visível no papiro parece indicar que este faria parte do mesmo rolo que o P. GC. Inv. 105 fr. 2-3, o que sugere que os poemas agora descobertos fariam parte do primeiro livro da edição alexandrina de Safo. Isso levou à dúvida quanto à autenticidade a ser posta de lado, e passou o ónus da prova às opiniões que continuarem a suspeitar da autoria do poema. Nas semanas que se seguiram à publicação do rascunho gerou-se ainda um aceso diálogo na comunidade académica em torno da legalidade e proveniência do papiro. Obbink pôs a questão em suspenso afirmando que a autenticidade «has been established through its documented legal provenance», deixando-nos descansados e dissipando por agora possíveis questões éticas que poderiam estar em causa.

O Poema dos Irmãos, ainda sem numeração, mostra-nos vinte versos, sendo que a sua extensão completa só pode ser alvo de conjunturas.

É quase certo que falta no mínimo uma estrofe inicial, enquanto que não é improvável que o fim do poema seja tal como o temos.

[. . .]

ἀλλ' αἴ θρύλησθα Χάραξον ἔλθην  
 νᾶϊ σὺν πλήαι. τὰ μὲν οἶομαι Ζεῦς  
 οἶδε σύμπαντές τε θεοί· σὲ δ' οὐ χρῆ  
 ταῦτα νόησθαι,  
 ἀλλὰ καὶ πέμπην ἔμε καὶ κέλεσθαι  
 πόλλα λίσσεσθαι βασίληαν Ἥραν  
 ἐξίκεσθαι τυίδε σάαν ἄγοντα  
 νᾶα Χάραξον  
 κᾶμμ' ἐπεύρην ἀρτέμεας. τὰ δ' ἄλλα  
 πάντα δαιμόνεσσιν ἐπιτρόπωμεν·  
 εὐδία γὰρ ἐκ μεγάλαν ἀήταν  
 αἴψα πέλονται.  
 τῶν κε βόλληται βασίλευς Ὀλύμπω  
 δαίμον' ἐκ πόνων ἐπάρωγον ἤδη  
 περτρόπην, κῆνοι μάκαρες πέλονται  
 καὶ πολύολβοι·  
 κᾶμμες, αἴ κε τὰν κεφάλαν ἀέρρη  
 Λάριχος καὶ δὴ ποτ' ἄνηρ γένηται,  
 καὶ μάλ' ἐκ πόλλαν βαρυθυμίαν κεν  
 αἴψα λύθειμεν.

Mas repetes que Cáraxon partiu  
 Com a nau lotada. Julgo que Zeus  
 Sabe isso e os restantes deuses também. Não  
 Te preocupes.

Mas ordenas-me também que parta  
 E suplique à rainha Hera  
 Que Cáraxon regresses  
 Na sua nau

E nos encontre de boa saúde. Tudo  
 O resto aos deuses o confiemos:  
 Após a tempestade a bonança

De súbito surge.  
 Aqueles a quem o Rei do Olimpo envia  
 Um deus padroeiro que os ajude  
 Nos tempos difíceis são felizes  
 E abençoados.

Quanto a nós, se Larico se decidisse a erguer  
 A cabeça e a fazer-se homem,  
 Da nossa angústia logo  
 Nos livraríamos.

O poema aborda a inquietação de Safo, uma irmã (segundo Martin West, talvez uma adolescente) angustiada com a ausência prolongada do seu irmão Cáraxon. Sabemos por Heródoto (2.134-135) que esse irmão partira para o Egito numa expedição comercial onde se demorou bastante tempo por se ter envolvido com a famosa hetaira Ródopis (ou Dórica). No presente poema, contudo, Safo ainda não está ao corrente do que acontecera ao irmão, e parece desejar apenas o seu regresso. A dimensão dramática do poema não é perspícua, devido em grande parte à cautela que devemos ter quanto ao início. Desconhecemos portanto quem possa ser o destinatário do poema, destinatário que tenta confortar a poetisa, mas a conclusão aparente, o repouso das preocupações pela confiança nos deuses apresentado na terceira e quarta estrofes, acaba por ceder ao poema um tom simultaneamente rendido e exasperado. Há os deuses, parece dizer, e ao fim de contas eles tratarão de tudo — mas bem melhor seria se Cáraxon voltasse. Melhor ainda aliás, continua a poetisa, se Larico, o outro irmão presente ainda a seu lado, se decidisse a “fazer-se homem” e, cumprindo o papel de Telémaco (contrastando com Cáraxon, que faz quase o de Ulisses), trouxesse alguma solução para todas as mágoas. Esse último queixume dirigido a Larico, formulado em “ἀλῆ κε τὰν κεφάλαν ἀέρρη / Λάριχος καὶ δήποτ’ ἄνηρ γένηται” (“se Larico se decidisse a erguer / A cabeça e a fazer-se homem”) foi palco de discussão devido à leitura ἀέρρη. Obbink originalmente reconhecera ἀέργη (“ocioso”, com τὰν κεφάλαν em acusativo), mas instigado por Francesco Ferrari acabou por aceitar ἀέρρη (“levantar”) no seu mais recente artigo do *The Times Literary Supplement*; futuras considerações papiroológicas terão de esperar pela publicação final do artigo.

O segundo poema que consta do papiro encontra-se em pior estado e a sua reconstrução é mais problemática do que o Poema dos Irmãos. O Poema a Cípris apresenta motivos e linguagem recorrentes na poesia de Safo (e.g. fr. 1,

48, 86, 88B, 130 Voigt), na versão apresentada por Obbink numa conferência em Birmingham no passado mês de Março, cuja reconstrução é, em parte, possível devido a correspondências com o P.Oxy. 1321 fr. 16 (= fr. 26 Voigt).

πῶς κε δὴ τις οὐ ῥαμέω<sup>1</sup> ἄκαιτο,  
 Κύπρι, δέσποι', ὄττιν<sup>1</sup>[α δ]ή φιλ[εῖη  
 καὶ] θέλοι μά<sup>1</sup>λιστα πά<sup>1</sup>λιν κάλ[εσσαί;  
 ποῖόν ἔχηθα

vōv] κάλοιι μ' ῥαλεμάτ<sup>1</sup>ωσ δαί<sup>1</sup>δ[ην  
 ἰμέ]ρω <ι> λύ{ι}σαντι ῥγόν' ωμ ε [   
 ].α . α [..]ῥαιμ' οὐ πρ<sup>1</sup>ο[ ]. ερησ[   
 ]νεερ.[ .]α<sup>1</sup>ῥ<sup>1</sup>

. . . [ . . ] <sub>1</sub>κέ θέλω<sub>1</sub>[  
 τοῦ<sub>1</sub>]το πάθη<sub>1</sub>[ν  
 ]<sub>1</sub>. αν, ἔγω δ' ἔμ' (αὔται)<sub>1</sub>  
<sub>1</sub>(τοῦτο κύ)νοῖδα<sub>1</sub>

]<sub>1</sub>. [.] τοις[. . .]<sub>1</sub>  
 ]<sub>1</sub>εμαμ<sub>1</sub>[  
 ]<sub>1</sub>. [ . ] . <sub>1</sub>

Como pode alguém não andar incessantemente entristecido,  
 Cípris soberana, e não estar disposto  
 A chamar de volta aquele que ama acima de tudo?  
 Que tenhas de pela saudade

me incitar indolentemente com tremores  
 provocados pelo desejo que me deslassa os joelhos  
 ...não...

...

...tu, estou dispost(a) ...  
 ...sofrer isto...  
 ...eu própria  
 Disso estou ciente  
 Miguel Sena e Sofia Carvalho